

ECONOMIA

CONSUMO DF - Comércio

Desempenho do comércio brasiliense teve queda de 3,3% em julho, segundo pesquisa feita pelo IBGE. Há incerteza sobre os próximos meses

Vendas caem após alta de 36 meses em Brasília

GUILHERME QUEIROZ

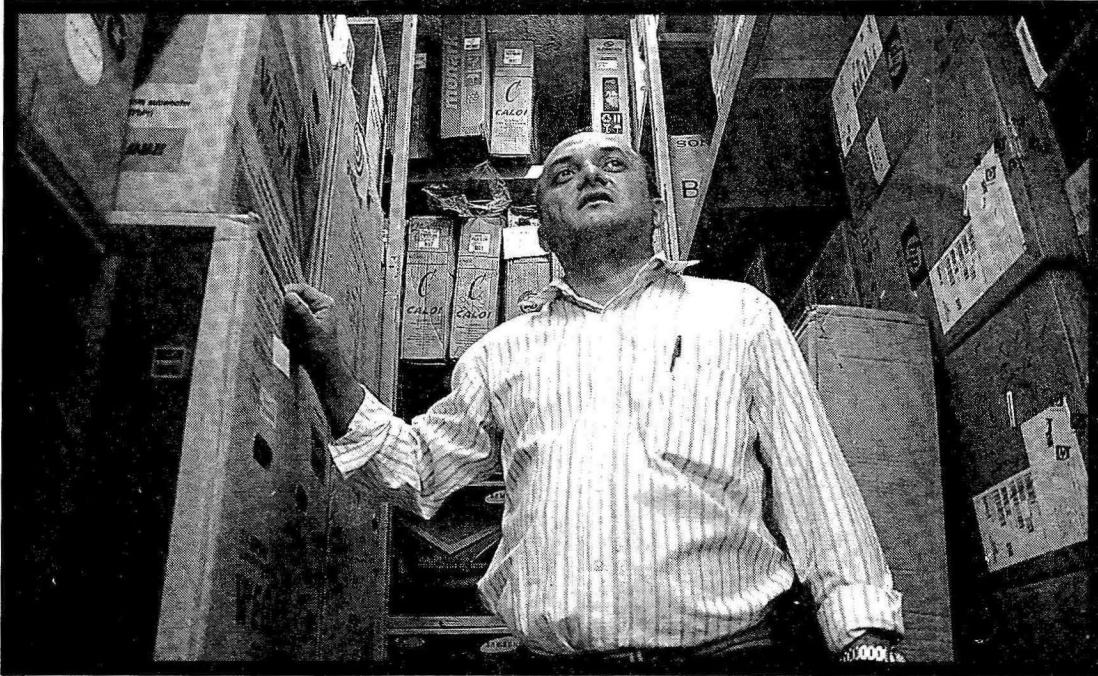
DO JORNAL DO COMÉRCIO

Aeuforia decorrente do vertiginoso ciclo de crescimento do comércio brasileiro, iniciado há três anos, começa a dar lugar a um clima de incerteza sobre a manutenção do ímpeto nos próximos meses. Após sucessivas altas nas vendas, o desempenho do varejo local recuou 3,33% em julho, de acordo com a Pesquisa Mensal de Varejo, divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para lojistas e representantes do setor, a explicação é simples, porém, preocupante: o *boom* do crédito consignado deixou o consumidor atulado em prestações.

Outros números do comércio local também indicam que os tempos de pujança possam ter ficado para trás. Em julho, o varejo do Distrito Federal experimentou a primeira queda, em 35 meses, nas vendas no comparativo com o mesmo mês do ano anterior: -0,06% em relação a julho de 2005. "A população está chegando ao seu limite de endividamento. Um indicador disso é que o crescimento nas vendas de eletrodomésticos estão muito modestas este ano", avalia o economista da Coordenação de Comércio e Serviços do IBGE, Reinaldo Pereira.

Xodós do crédito consignado, os móveis e eletrodomésticos estão mesmo permanecendo mais

Monique Renne/Especial para o CB



JOSÉ MACIEL, DO PONTO FRIO, DIZ QUE VENDAS COM CRÉDITO CONSIGNADO CAÍRAM MUITO ESTE ANO

tempo nos mostruários. Se em 2005 o IBGE registrou crescimento de 23,82% nas vendas dos produtos, neste ano o segmento acumulou alta de 6,36%. Em julho, por exemplo, o comércio destes itens cresceu apenas 1,55%, diante do mesmo mês do ano passado. "Não temos encalhe de mercadoria, mas o número de operações com o crédito consignado caiu muito esse ano. Os aposentados, especialmente, estão muito endividados", relata a

gerente do setor de eletroeletrônicos do Ponto Frio, José Maciel.

Para a loja, o advento do crédito consignado representou um aumento significativo nas vendas de computadores, TVs e equipamentos como aparelhos de DVD e de móveis, relata Maciel. No ano passado, por exemplo, esses itens chegaram a responder por 40% do faturamento da loja. Hoje, não passa de 25%.

Na avaliação do presidente da Federação do Comércio do DF

(Fecomercio), Adelmir Santana, os números registrados pelo IBGE podem representar o "fim de um ciclo creditício". Ele prefere, porém, aguardar os números dos próximos meses para avaliar se a situação compromete as metas de vendas do varejo para as festas de fim de ano. "A questão chega a ameaçar o Natal porque houve muita euforia com o crédito consignado. Hoje, boa parte da renda está comprometida com prestações", argumenta.